

JORNAL: Jornal do Brasil LOCAL: Quonabara

DATA: 28/10/1956 AUTOR: Ferreira Gullar

TÍTULO: Exposição Coletiva (Petite Galerie)

ASSUNTO: Nove artistas na Petite Galerie vistos por
Oliveira Bastos e Ferreira Gullar

DOMINGO, 28/10/1956

Jornal do Brasil

JB 28-10-56

ARTES PLÁSTICAS

Oliveira Bastos • Ferreira Gullar

EXPOSIÇÃO COLETIVA

(Petite Galerie)

Inaugurou-se, quinta-feira, dezoito, na Petite Galerie, uma exposição que reúne nove artistas de tendências diversas. Como não havia catálogo, nem outra qualquer indicação, teremos de lançar mãos de outros meios para aludir aos trabalhos expostos... De toda a exposição, dois trabalhos se impõem aos demais: um de Milton Dacosta (composição em branco) e outro de Ivan Serpa (construção com retas e curvas).

Maria Leonina comparece com dois trabalhos, que denotam um período de crise, mas que não comprometem as melhores qualidades de sua pintura.

Frans Krajcberg parece vir de uma fonte expressionista a fim de do americano Pollock, sem contudo levar às últimas consequências essas disposições a criar pelo automatismo manual: Krajcberg procura identificar com formas naturais (folhagens) as formas indeterminadas que a mão (ou o acaso) traçou. O que há de melhor em seus quadros é, aqui e ali, a matéria rica e fascinante, mas a sua intervenção posterior para definir, nas formas conseguidas, elementos conhecidos, tira à experiência o que ela tem de mais profundo, que é a negação à estrutura e individualidade das formas.

Já Frank Scheaffer expõe três trabalhos presos também a um defeito de origem: a tentativa de se manter entre a abstração e a figura, sem optar nem pela estilização da forma natural, nem por outro qualquer fator de ordem fundado na linha ou na cor. O resultado é a ambivalência dos elementos formais do quadro, que os efeitos do colorido não conseguem suportar. Os dois quadros que Teresa Nicolau expõe não se realizam inteiramente: a cor nem sempre é limpa e sintonizada; não se pode negar, entretanto, a curiosa noção que ela tem do espaço, do crescimento da forma nêle, com ele.

Inimá apresenta-se com três quadros que não parecem feitos pelo mesmo artista; a natureza morta tem estrutura mas é dura e hábil; a abstração é confusa e destoante. Inimá está em crise: esta é a melhor mensagem de seus três quadros.

Esperemos com mais confiança.

Djanira (três telas) abandonou os detalhes e a cor descritiva dos primitivos: agora submete a cor ao ritmo dos grandes planos serenos. Vemos pela primeira vez os trabalhos de Romani mas, a julgar pelos dois quadros expostos, sua pintura não oferece interesse.

Há também na exposição da Petite Galerie uma tela de Di Cavalcanti, que é a pior coisa sua que conhecemos.

Dizíamos, no começo, que Dacosta e Serpa mostram os melhores trabalhos da exposição. Dacosta apresenta-se com dois: uma composição em branco e outra sobre fundo vermelho, muito mal colocada, impossível de se ver. Num artista como Milton Dacosta, cuja pintura é, antes de tudo, um trabalho de intimidade, a forma e o fundo, a cor e a luz, são, como o silêncio e a palavra, o objeto e o sujeito, os termos de uma contradição essencial. Nessa "composição em branco", o problema dialético é posto em seus termos extremos: um único elemento — o branco — toma o lugar dos dois termos da contradição. Mas pintar de branco uma tela é negar-se à pintura, é silenciar. É, porém, nessa abissal proximidade do silêncio que Dacosta ousa falar: o branco se fragmenta em "outros brancos", e a pintura, ali, se resume a sutis modalidades da luz. Como no caso de Malevich, e dentro da perspectiva de Moholy-Nagy, a continuação lógica seria o abandono da cor pigmentária, para pintar com luz. Mas essa lógica evolutiva não é uma obrigação do artista. Dos dois quadros de Serpa, o da sala de baixo é melhor realizado: as cores novas e densas criam uma profundidade musical, dentro da qual as duas formas foram centrais atraem e dinamizam a energia visual. Longe da tensão espiritual de Dacosta, Serpa consegue em invenção o que perde em profundidade.

Resta falar do escultor José Pedrosa. O torso negro, já conhecido é um bloco com densidade e peso; as formas que seriam as pernas parecem, todavia, fugir ao ritmo total da peça, tão bem expresso na oposição do plano horizontal aos planos curvos laterais. A sua outra escultura, exposta na vitrina (bronze) me parece inferior.

F. G.